

## COMUNICAÇÃO

### A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DA INTERAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA\*

Raquel Souza Lobo GUZZO\*\*

É inegável a influência da família no desenvolvimento de seus filhos. Pode parecer ainda mais óbvia a constatação de que as grandiosas transformações por que passam os bebês no momento de seu nascimento, ocorrem em interações com seus pais, portanto no meio da família. Sendo o primeiro grupo social do ser humano, responsável por suas primeiras interações no mundo, à família tem-se delegado a tarefa de educar. Em seu sentido etimológico, educar significa promover, assegurar o desenvolvimento de capacidades, tanto físicas quanto intelectuais e morais. E, de uma maneira geral, vem sendo assegurada, como de responsabilidade dos pais.

Em uma sociedade menos industrializada e competitiva, a família e a escola dividiam entre si a responsabilidade com a educação das crianças. À família cabia a formação pessoal, os valores, e o desenvolvimento de capacidades artísticas ou desportivas. A escola se responsabilizava mais diretamente pelo desenvolvimento da competência intelectual formando o indivíduo para a profissionalização.

Nas últimas décadas esta situação tem se alterado, em função da precoce escolarização das crianças e das condições das famílias em relação à disponibilidade dos pais para a quantidade e qualidade de interação com seus filhos. A escola tem hoje dividido com a família, algumas de suas funções. Uma criança com dois anos pode passar parte de sua vida em programa pré-escolar, recebendo grande influência de um grupo social di-

(\*) Esta comunicação foi apresentada na VII Semana de Estudos Multidisciplinar de Campinas — Instituto de Psicologia / Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) — 1987.

(\*\*) Profª de Pós-Graduação em Psicologia Escolar — PUCCAMP.

ferenciado. No ensino básico, quando não está em atividades acadêmicas em período integral, a criança dispõe de poucos momentos para um relacionamento mais profundo com seus pais.

Por estas razões, e por conhecer a importância do crescimento global de seus alunos, as escolas têm procurado criar em seus currículos espaços para este tipo de reflexão, assegurando meios para a promoção do desenvolvimento social e afetivo, seja através da presença de outros técnicos na equipe da escola, seja através de programas especiais inseridos na grade curricular.

Por outro lado, as famílias têm delegado cada vez mais às escolas, a tarefa de formar. Esperam respostas a seus problemas e buscam soluções junto aos elementos da escola. Por insegurança, ou mesmo porque não dispõem de tempo e interesse, os pais, muitas vezes, furtam-se a contatos mais planejados com seus filhos, onde o diálogo, a disponibilidade e a solidariedade garantiam vínculos mais eficazes para a formação do desenvolvimento intelectual e para a resolução de conflitos.

Consideradas aqui brevemente, estas situações têm sido responsáveis por alguns questionamentos sobre a necessidade de um posicionamento objetivo acerca da relação Família-Escola e o papel das instituições de ensino nesta promoção.

O envolvimento de pais em programas educacionais de suas crianças vem sendo considerado como uma variável relevante e facilitadora do desenvolvimento infantil.

Cientistas e estudiosos do comportamento humano têm conduzido estudos que buscam comprovar esta evidência. Tal como demonstraram CONE, DELAWYER & WOLFE (1985) o envolvimento dos pais na escola de seus filhos, produziu melhorias na produção acadêmica das crianças, melhorou a qualidade das relações interpessoais entre pais e filhos, e aumentou a eficiência dos programas educacionais.

Em alguns países, a crença nos benefícios produzidos pela participação dos pais em programas escolares tem sido associada a legislações especiais que asseguram aos pais, entre outras coisas, o direito de decidir sobre principais componentes curriculares, de participar, junto com professores, de comissões examinadoras, além de permitir o acesso a todas as informações

que desejarem sobre seus filhos e/ou programas acadêmicos a que estão sendo submetidos (CONE, DELAWYER & WOLFE, 1985; GORDON, GUINACH & JESTER, 1977).

No Brasil, esta questão ainda está sendo discutida a nível científico. O sistema educacional, tanto privado quanto oficial, não dispõe suficientemente de técnicos especializados para promover a integração família-escola, de maneira a atingir o objetivo de facilitar o desenvolvimento geral dos alunos. As escolas particulares, melhor equipadas com recursos humanos, físicos e materiais, procuram manter os pais de seus alunos informados, porém distantes, tanto quanto possível, de seus programas acadêmicos e educacionais. Os problemas de desenvolvimento do aluno, observados durante o processo de escolarização são resolvidos através da informação aos pais e encaminhamentos para soluções, geralmente fora das escolas. Mesmo avaliando a importância das relações familiares no processo de crescimento de seus alunos, são raras as instituições de ensino particulares, que se propõem, sistematicamente, a integrar as famílias em programas de participação família-escola.

Nas escolas oficiais da rede estadual, a situação não é muito diferente. A procura de recursos de toda espécie, a carência de pessoal qualificado, a heterogeneidade de valores, de níveis sócio-econômico e cultural de pais e professores, são fatores responsáveis pela absoluta inexistência de qualquer iniciativa nesta direção.

Embora em nosso meio a relação Família-Escola esteja enfraquecida na direção de sua concretização, o mesmo não acontece com a discussão de questões essenciais, a respeito da importância dos pais na promoção, junto à escola, do desenvolvimento intelectual, afetivo e social de seus filhos, principalmente em países mais desenvolvidos.

O conhecimento de algumas variáveis familiares que interferem na educação dos filhos vem sendo buscado pelas escolas, como meio de procurar ampliar a compreensão sobre o processo de desenvolvimento de seus alunos.

Segundo GORDON, GUINACH E JESTER (1977) três classes de variáveis familiares afetam, tanto as oportunidades das crianças desenvolverem seus potenciais, quanto suas habilidades em se comportarem na escola respondendo adequa-

damente à estimulação e à instrução advindas deste meio. São variáveis demográficas que dizem respeito à densidade familiar, à naturalidade, à presença paterna, à qualidade da vida doméstica, à renda familiar e à classe social. Outra classe de variáveis diz respeito às variáveis cognitivas paternas, ou seja, à escolaridade, à profissão, às atividades culturais, às aspirações educacionais, às fontes de desenvolvimento cognitivo externas, aos recursos materiais e à fluência e facilidade verbal encontradas nas relações familiares.

São importantes também nesta análise as variáveis emocionais constituídas pela consistência e coerência da educação dada em família, os padrões disciplinares, a segurança emocional assegurada pelos pais, o autocontrole, a confiança e a disponibilidade de afeto oferecido à criança.

Identificar quais destas variáveis estão presentes nas famílias de seus alunos, pode ser um início de trabalho para a promoção desta integração, entretanto a efetiva melhora nesta relação somente ocorrerá quando da elaboração de programas de interação especialmente planejados para o desenvolvimento intelectual afetivo e social dos estudantes.

Os programas de interação família-escola, no sentido do crescimento cognitivo e afetivo, baseiam-se principalmente em alguns postulados teóricos:

1º) o ser humano é o único animal que consistente e universalmente abstrai semelhanças e diferenças de suas experiências e as simboliza em um perfeito sistema de símbolo — a linguagem;

2º) a linguagem, em sua função primária — a comunicação — se desenvolve a partir da interação com outras pessoas;

3º) as famílias, em especial os pais, funcionam como os mediadores da cultura, da linguagem, da inteligência de seus filhos, porque são os que primeiro se relacionam em um tipo de ligação afetiva mútua e duradoura;

4º) o desenvolvimento psicológico da criança é acelerado mediante seu envolvimento em padrões de interação recíprocos, progressivamente mais complexos, com pessoas com quem são estabelecidas relações afetivas;

5º) as interações pais-filhos servem a um propósito didático, pois oferecem indícios sobre os padrões de ensino e os estilos de aprendizagem das crianças;

6º) a educação escolar pode ser maximizada quando pais e professores tornam-se mais efetivos e eficientes na condução de estratégias comuns para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

A eficiência dos programas de interação família-escola vem sendo relatada em estudos científicos de diferentes abrangências em termos de escolaridade, com ênfase na educação pré-escola e ensino básico conforme demonstram PORTES (1985); LOADD E PRICE (1986); CONE, DELAWYER & WOLFE (1985); KARPES E ZEHRBACH (1977); e GORDON, GUINAGH & JESTER (1977).

Nestes programas, pais foram treinados em atividades específicas de desenvolvimento, com vistas a torná-los facilitadores do crescimento de seus filhos. Além destes objetivos, a melhoria da coesão familiar e a promoção de estratégias que enriquecem as interações entre pais e filhos, foram também aspectos ressaltados como positivos em programas especiais.

A formação dos pais, quanto à importância do ambiente familiar na promoção do desenvolvimento de seus filhos, tem se caracterizado como uma necessidade em nosso meio. As escolas deveriam oferecer estes caminhos. Que educadores, professores, psicólogos e pais se envolvam nesta tarefa, e busquem, nas teorias disponíveis, embasamentos para a concretização de propostas para implementação de uma relação efetiva família-escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONE, J. D.; DELAWYER, D. D. & WOLFE, V. V. Assessing Parent Participation: The Parent/Family Involvement Index. *Exceptional Children*, 1985, vol 51(5), p. 417-424.
- GORDON, I. J.; GUINAGH, B. & JESTER, R. E. The Florida Parent Education Infant and Toddler Program. In: M. C.,

- DAY and R. K. PARKER, **The Preschool in Action**, Allyn and Bacon, Inc., Boston, 1977.
- KARNES, M. B. & ZEHRBACH, R. R. Educational Instruction at Home. In: M. C. DAY and R. K. PARKER, **The Preschool in Action**, Allyn and Bacon. Inc., Boston, 1977.
- LADD, G. W. & PRICE, J. M. Promoting Children's Cognitive and Social Competence: The Relation between Parent's Perceptions of Task Difficulty and Children's Perceived and Actual Competence. **Child Development**, 1986, 57, p. 446-460.
- PORTES, P. R. The role of Language in the development of Intelligence: Vygotsky revisited. **Journal of Research and Development in Education**, 1985, 18(4), p. 1 a 10.